

1 A Casa e os seus mestres

1.1 O estudo da Educação Doméstica

...antes de entrar em matéria, para a qual não acho porta grande nem pequena; o melhor é afrouxar a rédea à pena, e ela que vá andando, até achar entrada. Há de haver alguma; tudo depende das circunstâncias, regra que tanto serve para o estilo como para a vida; palavra puxa palavra, uma idéia traz outra, e assim se faz um livro, um governo, ou uma revolução; alguns dizem mesmo que assim é que a natureza compôs as suas espécies.

Machado de Assis¹

Ao iniciar a pesquisa de que resultou este trabalho, deparei-me com uma imensa lacuna, a educação doméstica, que a historiografia da educação no Brasil parecia não ousar preencher, privilegiando o estudo das instituições formais de educação e, principalmente, aquelas que, a cargo do Estado, ou sob a sua tutela, haviam se desenvolvido.

Apesar de estudos fundamentais e pioneiros acerca da escola pública ou privada no Brasil, especialmente no século XIX, as estatísticas apresentadas eram conflitantes, oferecendo uma pista para a investigação: o número de instituições formais de educação no país, particularmente na Corte Imperial – tomada como referencial por se tratar do local onde se concentravam as decisões políticas e econômicas –, era insuficiente para dar conta do contingente, mesmo reduzido, de pessoas que sabiam ler e escrever e que, principalmente, nas elites, consumiam o vasto material de leitura impresso, que prolifera a partir da segunda metade de Oitocentos.

De alguma forma, essa população letrada havia recebido instrução, mesmo que elementar, e, considerando as estatísticas e os relatos analisados, sem a participação em instituições formais destinadas ao ensino. Provavelmente, essas práticas formadoras, que reuniam educação e instrução, estavam concentradas em um espaço informal: a Casa.

¹ MACHADO DE ASSIS, J. M. Primas de Sapucaia! In *O alienista e outras histórias*. Rio de Janeiro: Ática, 1996.

Seguindo essa “pista”, busquei, então, um conceito ou uma categoria que viesse a explicar esse fenômeno e foi junto a autores portugueses, que escrevem a história da educação naquele país, que encontrei a categoria “educação doméstica”, ou seja, o conjunto das práticas educativas realizadas no âmbito do espaço doméstico ou da “Casa”², que antecederam e se desenvolveram paralelamente à construção, aceitação e afirmação da escola formal.

Após nomear o tema da pesquisa, a investigação voltou-se para elucidar a educação doméstica e suas práticas na Casa³, onde seus senhores detinham a responsabilidade, a escolha e a vigilância sobre os atores e os métodos utilizados.

Delimitado o problema de estudo, as circunstâncias apontavam, ainda, algumas questões: Como a educação doméstica chega ao Brasil, qual era sua origem e que influências trazia das práticas européias? Como, no Brasil, se caracterizava a educação doméstica? Quais eram seus agentes, qual a sua formação, que papel desempenhavam e como eram escolhidos? Como acontecia a educação doméstica e que práticas envolvia? A quem era destinada a educação doméstica e de que *status* gozava em uma sociedade marcadamente aristocrática e elitista? Que diferenças de gênero incorporava do pensamento sócio-cultural da época e como rompia com esses mesmos pensamentos? Como educação e instrução eram concebidas nesse contexto, aproximando-se e distanciando-se ao longo do tempo?

Entre outras tantas questões, restava, ainda, procurar desvelar o contexto que permitiu, por tanto tempo, a permanência de tais práticas até o seu esgotamento diante das expectativas advindas da escola formal instituída.

No processo de recomposição dessas respostas, faziam-se necessárias outras delimitações, diante de uma história que não começava aqui, mas que vinha com o colonizador e se estendia até os primórdios da República.

² A categoria “Casa”, utilizada neste estudo, se refere à descrição contida em MATTOS, I. *O tempo Saquarema*. Rio de Janeiro: ACCESS, 1999, p. 27-28.

³ Segundo Gilberto Freyre (1997, p.Ivii-Ixiii, pref. à 1^a ed.), a casa-grande venceu, no Brasil, a Igreja, nos impulsos que esta, a princípio, manifestou para ser a dona da terra. Vencido o jesuíta, o senhor de engenho ficou dominando a colônia quase sozinho. O verdadeiro dono do Brasil. Mais do que os vice-reis e os bispos. A força concentrou-se nas mãos dos senhores rurais. Donos das terras. Donos dos homens. Donos das mulheres. Suas casas representam esse imenso poderio feudal. A casa-grande, embora associada particularmente ao engenho de cana, ao patriarcalismo nortista, não se deve considerar expressão exclusiva do açúcar, mas da monocultura escravocrata e latifundiária em geral: criou-a, no Sul, o café tão brasileiro como, no Norte, o açúcar. Cf. FREYRE, G. *Casa-grande e senzala*. 32^a ed. Rio de Janeiro: Record, 1997.

Inicialmente, era preciso delimitar o tempo, pois as fontes remontavam ao século XIV e a educação doméstica destacava-se como um tema recorrente, versado desde os manuscritos da Baixa Idade Média.

Tratando-se de uma prática utilizada pelas elites ao longo dos séculos, a educação doméstica torna-se, também, mais tarde, uma das principais ocupações da imprensa. Desde o seu aparecimento no século XV, são impressos manuais, compêndios e conselhos sobre a arte de criar e educar os filhos na esfera doméstica, especialmente quando se tratava de príncipes e nobres.⁴

Inúmeras publicações, na Europa, durante os séculos XVI, XVII e, especialmente, no século XVIII, sob a influência das “luzes”, vão se ocupar de apontar caminhos para essa forma de educação iniciada na infância, no espaço da Casa e sob sua estrita aquiescência.

Optei, então, por demonstrar essa preocupação com a educação doméstica na Europa ao longo dos séculos referidos, através da literatura produzida, trazendo, para a conceituação e discussão, a ilustração de algumas obras cujo objetivo era preparar pais e mestres nesta tarefa. Entretanto, a referência ao contexto dos séculos anteriores ao dezenove faz-se no sentido de apresentar os antecedentes do que viria a seguir, como uma preparação para o Oitocentos, período escolhido para o enfoque deste estudo.

A delimitação do estudo em Oitocentos tornou-se necessária, tendo em vista que, para focar tais práticas de educação no Brasil, uma significativa parte das fontes utilizadas remontam ou referem-se a esse contexto. Todavia as fontes demonstram, também, que a educação doméstica no Brasil não se alterou substancialmente na forma como ocorria desde a Colônia até o Império. A mudança significativa na educação realizada na Casa se dá essencialmente na quantidade, pois a demanda pela educação conhece em Oitocentos, no nosso país, um desenvolvimento singular.

A ênfase no século XIX, no entanto, não pretende “aprisionar” os fatos a uma concepção de século, na qual se suporia uma ruptura na passagem de um período para o outro, mas a referência ao contexto do Brasil durante o Oitocentos, trata-se da delimitação temporal de um momento histórico que se constituiu como cenário para as circunstâncias ocorridas durante o Império.

⁴ Uma amostra de tais obras, escritas sobre a arte de criar e educar os filhos, será apresentada no capítulo 3 deste estudo.

Além disso, a escolha do período imperial para a pesquisa acerca da educação nas Casas e seus agentes, justifica-se, também, por se tratar, no Brasil, do período característico de maior desenvolvimento das práticas educativas, especialmente, neste caso, da educação doméstica, atendendo às expectativas de uma sociedade que buscava, na instrução, a definição de sua própria identidade, a afirmação de sua civilidade e de seus espaços de dominação.

Uma vez estabelecido o recorte temporal da pesquisa, foi preciso mergulhar nesse universo, particularmente do século XIX, cujo mundo pareceu-me essencialmente diferente do século seguinte, seja nos aspectos culturais, religiosos, artísticos, éticos e estéticos, seja no pensamento cotidiano e nas concepções norteadoras da sociedade em questão, tornando-se, por vezes, ininteligíveis ao leitor que, desavisado, não procurasse entendê-los em uma lógica própria e naquele contexto.

Evitando juízos, surpreendendo-me com conceitos, análises, racionalidades pautadas em outros paradigmas, tornei-me leitora, ouvinte e, principalmente, visitante de um passado que, embora apresentasse significativas originalidades, permitia o entendimento do devir, demonstrando a presença constante daquilo que constituiria a contemporaneidade.

Além disso, trabalhar em um universo de registros repleto de lacunas, pois se refere a uma sociedade marcada pela oralidade e pela simbologia, em detrimento da escrita, significava ter que preenchê-las cuidadosamente, com minhas percepções e interpretações confrontadas, insistentemente, na busca da reconstituição daquele passado.

De acordo com a leitura do período histórico escolhido para a pesquisa, ao tratar da educação doméstica no Brasil, partindo da apresentação dos antecedentes europeus de tais práticas, foi necessário localizar, também, entre as inúmeras possibilidades, os espaços a serem investigados.

A escolha da Província do Rio de Janeiro e, principalmente, da Corte, foi realizada por se constituir em um dos locais mais representativos da época, onde se concentravam as decisões políticas, o centro das operações econômicas e comerciais, o núcleo de onde emanavam as inovações e os modismos, o cerne da cultura e da civilidade desejada e, particularmente, o local onde as elites enfocadas residiam. A Corte era o “lugar” da efervescência dos acontecimentos e onde se concentrava o maior índice populacional do Império. Já em 1843, possuía

uma população de 170.000 “almas”⁵, das quais 60.000 eram “brasileiros por nascimento ou adoção”, 25.000 eram “estrangeiros de diversas nações” e 85.000 “escravos de toda cor e sexo”. No final da década, o censo realizado por Roberto Haddock Lobo indicava uma população total de 266.466 habitantes.

O material pesquisado apontava, ainda, que, dentre as fontes locais consultadas, a Província do Rio de Janeiro era a que apresentava o maior número de registros e indicações do tema em questão, o que foi decisivo para a delimitação do local de investigação. Contudo, ampliei o âmbito das análises e, por vezes, reporteime a outros espaços, julgados significativos, ou quando assim se demonstrava necessário.

Durante a trajetória deste estudo, procurei evidenciar aquilo que constituía o meu objeto de pesquisa: a educação doméstica e seus agentes. Entretanto, emergiram, nesta caminhada, tensões e conflitos políticos, sociais e culturais, de uma época e de um contexto que não pode ser lido apenas objetivamente, mas que deve considerar toda a subjetividade que engloba a história de uma sociedade em formação, no momento em que buscava redefinir-se em seus mais diversos aspectos identitários.

A sociedade de Oitocentos, dividida entre senhores e escravos, proprietários e não proprietários, ao mesmo tempo em que institui efetivamente a prática da educação doméstica, enfrenta o processo de constituição do Império que vê, no fortalecimento do Estado, o caminho para a realização de seus intentos.

A educação e a legitimidade de instituí-la passam a ser disputadas em discussões e ações que refletem o próprio contexto político: de um lado, o poder local, representado pela Casa e sua resistência à interferência e ao domínio do Estado, de outro, o poder central, cuja estratégia é diminuir o poder das oligarquias locais e consolidar-se como o Estado Imperial.

Portanto, nessa perspectiva, analisei o tema da educação doméstica em sua efetivação e na formação de um estatuto de posturas e possibilidades, no momento em que, também, era questionado, confrontado e cedia espaço a outro estatuto emergente: o da escola formal. Assim sendo, não há possibilidade de uma seqüência ordenada de acontecimentos, mas de um constante ir e vir através do

⁵ De acordo com Milliet de Saint-Adolphe, citado por MATTOS, I. *O tempo Saquarema*. Rio de Janeiro: ACCESS, 1999.

período em questão, ou para além dele, acompanhando a própria mobilidade daquilo que se conta, uma história que não tem começo nem fim, mas que perpassou a construção de um tempo histórico e os registros que dele restaram.

Ressalto, ainda, que essa é uma história tecida no contexto das elites, tendo em vista que a educação doméstica se fazia nas Casas e para os seus governantes e, conseqüentemente, portanto, caberá sua complementação a partir de outros estudos, investigando, detalhadamente, a educação não formal daqueles – que não eram poucos –, que não sendo os senhores da Casa, não privavam de seus ensinamentos.

1.2 Caminhos percorridos e fontes utilizadas



Figura 1 – Jornal do Comércio – 1827.

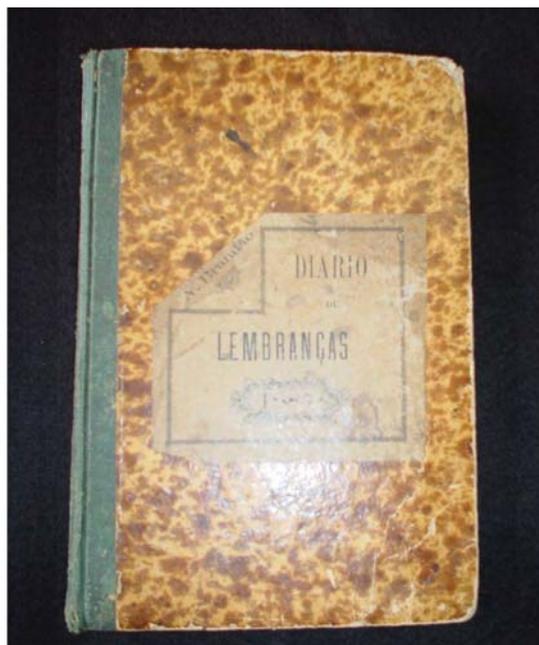


Figura 2 – Diário de Lembranças da Viscondessa do Arcozelo.⁶

Para responder às questões anteriormente citadas, que constituem o objeto deste estudo, foi necessário buscar referenciais metodológicos que nortegassem uma investigação essencialmente bibliográfica e documental, cujas fontes se

⁶ Arquivo Histórico do Museu Imperial – Petrópolis.

encontravam dispersas entre as mais diversas manifestações escritas e iconográficas do século XVI ao século XIX.

Neste sentido, utilizei, como fontes de pesquisa, diferentes categorias documentais, procurando, em todas elas, marcas do tema proposto à investigação. Em algumas fontes, essas marcas apareciam claras e precisas, em muitas outras, apenas encaminhavam uma leitura superficial daquilo que se pretendia. Procurei não desprezar nenhuma delas, mas, ao contrário, associá-las com a perspectiva de fazer emergir um panorama, por vezes difuso, mas significativo, daquilo que demonstra ter sido a educação doméstica praticada nas Casas das elites de Oitocentos.

Trabalhar com diferentes fontes que alternam realidade e ficção exige um rigor ainda maior, para que se possa verificar, em ambas, o provável e o possível, confrontando-as e respeitando os limites que cada uma oferece. Além disso, foi necessário ouvir fontes estrangeiras que, se não traziam a realidade brasileira, tinham o mérito de demonstrar a sua influência neste país.

Dessa forma, as análises procedidas têm como referência “ego documentos”, como relatos de viajantes, cartas, diários de habitantes ou de visitantes que aqui estiveram em algum período do século XIX, publicações locais e estrangeiras, iconografia e literatura da época, documentos oficiais, resultados de pesquisas relativas ao Brasil Imperial, jornais e revistas periódicas, tomados como fontes de pesquisa.

Na descrição das fontes utilizadas, exemplifico, brevemente, como foram lidos e ouvidos os originais consultados.

Os relatos de viajantes, analisados como fonte de pesquisa, apresentam uma visão genérica da realidade observada no Rio de Janeiro, mas têm a qualidade de tratarem de anotações e reflexões externas ao contexto estabelecido, além de serem realizadas premeditadamente para fins de registro das condições de vida da população. Entretanto, resguardei, na análise das obras dos viajantes estrangeiros e, particularmente, em sua descrição dos costumes locais, a possibilidade dos preconceitos e entendimentos equivocados de quem julga com a ótica de sua realidade de origem.

A correspondência pessoal, ou seja, cartas entre contemporâneos, foi utilizada à medida que expressa a cotidianidade do período estudado. Além disso, reportei-me também, na pesquisa, a diários e anotações pessoais, especialmente de

mulheres letradas que registravam o seu dia-a-dia, marcado por afazeres domésticos ou profissionais – quando se tratava de mestras –, e suas preocupações com os filhos ou discípulos.

Os livros publicados, durante o século estudado ou nos séculos anteriores a este, se constituíram em fundamentos básicos para o entendimento do pensamento relativo às práticas educativas da época, com ênfase naqueles que se propunham a ser pedagógicos e instrutivos. Nesse caso, foram largamente utilizadas publicações estrangeiras, especialmente publicações portuguesas atuais, contemporâneas aos fatos relatados e anteriores ao Oitocentos, que tratavam da educação de crianças de elite, nobres e príncipes.

A literatura contemporânea, ou seja, contos, romances, comédias, poesias e peças teatrais escritas durante o século XIX, serviu como cenário para a reconstrução do mosaico sugerido pelas fontes já referidas, pois tais obras têm a qualidade de pretender, fiel ou caricaturalmente, contar, exemplificar, criticar ou satirizar os costumes do período.

Os documentos oficiais foram utilizados como demonstrativos e indicadores de informações governamentais sobre o contexto estudado, retratando, a partir das normatizações, campanhas, propagandas oficiais, relatórios e estatísticas parciais ou globais, as concepções que norteavam o pensamento da elite política e econômica do período. Todavia, não podem ser considerados como fontes totalmente fidedignas de leitura da realidade, e sim, como registros, por vezes, manipulados, daquilo que se desejava mostrar. Por outro lado, esse direcionamento, quando evidenciado, conserva o mérito de assinalar aquilo que era do interesse oficial, demonstrar em tais documentos, apresentados nesta pesquisa como anuários, quadros estatísticos, relatórios, leis e decretos imperiais, regimentos, estatutos, publicações oficiais e exposições de balanços de governo.

Os resultados de pesquisas relativas ao Brasil Imperial, acerca da sociedade e seus costumes, se constituíram, também, em subsídios essenciais ao estudo realizado, dos quais parti para o encaminhamento das questões de investigação. Pesquisas relativas à reconstituição das características da vida urbana ou rural no Brasil, da colônia à proclamação da república, e à condição feminina no século XIX, além de investigações históricas acerca da família e da infância e estudos específicos sobre mentalidades, política e cotidiano no período estudado, foram lidos e confrontados as outras fontes investigadas.

Finalizando a apresentação do material de investigação, destaco a fonte mais numerosa e significativa consultada na realização deste estudo, que é constituída por periódicos: jornais e revistas, destinados às famílias e/ou às mulheres, bem como jornais e revistas de educação e instrução, publicados a partir da consolidação da imprensa no Brasil, tomados como testemunhas dos fatos existentes, uma vez que preservam uma imagem forjada no momento histórico vivido.

Entre os periódicos referidos, foram analisados jornais dedicados às mulheres, associadas à função da educação doméstica, que discorrem sobre a instrução dos filhos, jornais instrutivos e recreativos bastante difundidos, a partir da segunda metade do século XIX, jornais de grande circulação na época, em matérias que tratavam da “instrução” e em cadernos de anúncios, jornais dedicados exclusivamente a anúncios e revistas instrutivas com ênfase em artigos de educação e vida doméstica.

Os jornais de maior circulação no período enfocado, como o *Jornal do Commercio*, foram fundamentais para o objeto deste estudo, especialmente em suas páginas de publicações de anúncios, pois retratam a demanda existente, tanto pela educação doméstica, quanto pela escola instituída formalmente, bem como demonstram a ascensão e queda da procura e da oferta, ao longo de todo o período estudado, destes dois sistemas de educação presentes em Oitocentos.

O *Jornal do Commercio*, constituindo-se como um dos poucos meios de comunicação escrita de grande alcance, é considerado bastante representativo da época, especialmente por sua grande tiragem diária para a população da Província do Rio de Janeiro. Iniciado em 1827, desde então vai se afirmando como uma publicação diária de notícias, informes, discussões editoriais e, principalmente, anunciadora dos mais diversos empreendimentos e necessidades da população, publicando, entre outros, avisos de leilões, movimento do porto, divulgando saída e chegada de embarcações, avisos fúnebres e religiosos, decretações de falências e perdas de bens, dispensa de serviços e de funcionários, proclamas de casamentos, venda de gêneros e objetos móveis e imóveis, incluindo-se aí carnes, doces, vestuário, tecidos para enxovais, objetos de decoração, escravos, cavalos, casas, terras e fazendas, assim como, também, registra grande número de publicações de aluguéis, caracterizados como um empreendimento muito difundido no período. Alugam-se todas as coisas possíveis, como crianças para determinados serviços,

amas de leite, escravos para cozinhar, lavar, engomar e diversos outros afazeres, criados, casas e terras.

Para a análise de uma fonte tão numerosa, como os exemplares diários do *Jornal do Commercio* no período de 1827 a 1889, realizei o trabalho através de uma amostra constituída pelos exemplares do mês de janeiro dos anos de 1839, 1849, 1859, 1869, 1879 e 1889. O intervalo de dez anos entre uma amostra e outra foi estabelecido para permitir a visibilidade de mudanças sociais e culturais ocorridas ao longo das décadas.

Além disso, é importante ressaltar que a opção pelos exemplares do mês de janeiro não foi aleatória, mas resultado de uma pesquisa inicial que demonstrava ser esse período o que concentrava o maior número de anúncios, tanto de professores particulares e de preceptores, como de aulas públicas e colégios particulares.

Diante de fontes tão diversas e de grande volume, tornou-se necessária uma ordenação metodológica para a investigação e posterior análise dos dados obtidos.

Inicialmente, foram pesquisados os livros estrangeiros⁷, nos quais busquei o conceito e a origem da educação doméstica na modernidade, sua finalidade e destinação social. Posteriormente, verifiquei os relatos de viajantes em sua passagem ou estada no Brasil e alguns manuscritos da época, analisando as descrições, mediante os conceitos já obtidos de educação e vida doméstica. A seguir, voltei-me para a leitura da literatura do século XIX, tomada como testemunho daquele cotidiano.

A literatura da época, tratada como fonte de pesquisa, revelou-se fundamental para o entendimento do “espaço” ocupado pela educação doméstica e especificamente pelos mestres das Casas, pois, ao descrever os personagens ou a família enfocada, muitas vezes, o autor se refere à educação e às habilidades destes, adquiridas através de seus mestres, cuja presença era bastante comum nas classes abastadas, revelando, ainda, as representações que envolviam essa função, principalmente com relação às mulheres, como educadoras. Segundo Araújo⁸ (2000), “a ficção pode revelar, até certo ponto, a situação das mulheres na

⁷ A bibliografia utilizada está citada ao longo deste estudo, bem como especificada nas referências bibliográficas.

⁸ Helena Costa de Araújo é autora de Tese de doutoramento publicada com o título de *Pioneiras na educação: as professoras primárias na viragem do século: contextos, percursos e experiências, 1870-1933*, cujo estudo aborda o processo da construção do ensinar na escola primária em Portugal, como trabalho de mulheres, no período que decorre entre 1870 e 1933.

sociedade”, suas possibilidades e limites, ao exercer uma das poucas funções reconhecida como apropriada ao seu lugar social.

Monteiro⁹(1998), em pesquisa acerca das preceptoras inglesas na literatura vitoriana, contribui, ainda, na constatação da análise literária como fonte de investigação, afirmando a “multifacetada representação da preceptora na ficção” como estratégia fundamental para a compreensão dessa figura no seu contexto histórico-cultural.

Se as histórias contadas nos romances não são “reais”, elas são, sem dúvida, inseridas na realidade contextual da sociedade da época, pano de fundo para as aventuras, os dramas e desventuras desse cotidiano construído. Podem não ser “verdadeiras” as histórias, mas, com certeza, revelam emoções, atitudes, imagens, desejos, ações muito próximas da realidade.

Nesse sentido, recorri aos personagens criados nos contos e romances do século XIX, sem desconsiderar que estão perpassados pelos modelos relativos aos padrões existentes, que pretendem retratar as posturas do bem e do mal, do certo e do errado, presentes naquele período.

Dentro dessa abordagem, ampliou-se o campo da pesquisa e o uso das fontes, permitindo a utilização da literatura e das outras fontes referidas, tomadas como documento/monumento¹⁰, para o que demonstram grande potencial no desvelamento de aspectos, em geral, negligenciados e pouco perceptíveis em pesquisas baseadas unicamente em documentos oficiais. Além disso, ao analisar a educação doméstica, deve-se levar em conta aspectos sociais, políticos e econômicos articulados entre si, que só se fazem presentes no cotidiano retratado nas obras literárias relativas ao tempo histórico focado.

Em uma segunda etapa da investigação, buscando sustentação para as pistas trazidas da literatura e procurando, ainda, subsídios para a reconstrução da realidade educacional, particularmente da educação doméstica e de suas circunstâncias, no século XIX, na Província do Rio de Janeiro e especialmente na Corte, realizei um levantamento dos periódicos impressos durante o período estudado, selecionando aqueles dedicados à mulher e às “mães de família”, cujo

⁹ MONTEIRO, Maria Conceição. *Sombra errante: a preceptora na narrativa inglesa do século XIX*. Tese de Doutorado, UFF, Instituto de Letras, 1998.

¹⁰ Cf. LE GOFF, J. *História e memória*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.

objetivo era instruí-las, para que procedessem à educação dos filhos. O significativo número encontrado de periódicos do gênero, considerando as características da população, demonstra que deveriam ser bastante apreciados pelas leitoras, além de, provavelmente, terem sido importantes órgãos de divulgação de idéias políticas, sociais e culturais, bem como da própria idéia de instrução feminina, espelhando os movimentos, tensões e contradições da época.

Como suporte às análises procedidas até então, busquei, a seguir, documentos oficiais do período e retomei a leitura de pesquisas realizadas sobre o mesmo tempo histórico. Tais documentos se constituíram em indicadores que dialogaram e propuseram perguntas e respostas às fontes inicialmente estudadas, finalizando o mosaico que pretende apresentar um panorama da educação doméstica no Brasil Imperial, tendo como foco a Província do Rio de Janeiro e, especialmente, a Corte.

A busca das fontes descritas ocorreu na Biblioteca da Universidade de Lisboa, na Biblioteca Nacional de Lisboa, na Biblioteca da Universidade de Coimbra, na Biblioteca Pública da Câmara Municipal de Coimbra, na Biblioteca Nacional na cidade do Rio de Janeiro e no Arquivo Histórico do Museu Imperial de Petrópolis, especialmente nos fundos do Arquivo da Casa Imperial do Brasil e na Coleção Barral Monteferrat.

Na Biblioteca Nacional, na cidade do Rio de Janeiro, precisamente no setor de “Obras raras”, foram pesquisados jornais e revistas específicos, analisados em um período que se estende de 1840 a 1889. Dentre os 148 periódicos investigados, anotados e analisados, foram utilizados, destacadamente na pesquisa, os seguintes jornais e revistas¹¹:

- *ANNUARIO POLITICO, HISTORICO E ESTATISTICO DO BRAZIL*. Rio de Janeiro, 1846-1847.
- *O ANNUNCIO: FOLHA DIARIA*. Rio de Janeiro, 1874.
- *ARCHIVO DAS FAMILIAS: PUBLICACAO SEMANAL CONSAGRADA AO RECREIO E INTERESSES DOMESTICOS*. Rio de Janeiro, 1882.
- *BAZAR LITTERARIO: DE EDUCACAO E DE RECREACAO*. Rio de Janeiro, 1879.
- *BELLO SEXO: PERIODICO RELIGIOSO, DE INSTRUCCAO E RECREIO, NOTICIOSO E CRITICO MODERADO*. Rio de Janeiro, 1862.
- *O DOMINGO: SEMANÁRIO LITTERARIO E RECREATIVO*. Rio de Janeiro, 1873-1875.

¹¹ Em anexo encontra-se uma amostra dos periódicos citados.

- *O ENSINO PRIMARIO*. Rio de Janeiro, 1884-1885.
- *A ESCOLA: REVISTA BRASILEIRA DE EDUCACAO E ENSINO*. Rio de Janeiro, 1877-1878.
- *A FAMILIA: JORNAL LITTERARIO DEDICADO A EDUCACAO DA MAE DE FAMILIA*. São Paulo/Rio de Janeiro, 1888-1889.
- *O FUTURO. PERIODICO LITTERARIO*. Rio de Janeiro, 1862.
- *A INFANCIA*. Rio de Janeiro, 1879.
- *A INSTRUÇÃO PUBLICA: FOLHA HEBDOMADARIA*. Rio de Janeiro, 1872-1888.
- *JORNAL DAS FAMILIAS*. Rio de Janeiro, 1863-1878.
- *A MAI DE FAMILIA: JORNAL SCIENTIFICO LITTERARIO E ILLUSTRADO*. Rio de Janeiro, 1879-1888.
- *REVISTA ACADEMICA*. Rio de Janeiro, 1877.
- *REVISTA LITTERARIA*. Rio de Janeiro, 1884.
- *REVISTA LUSO-BRASILEIRA: PUBLICACAO MENSAL DE LITTERATURA, INDUSTRIA, GEOGRAPHIA, POESIA, MUSICA, ETC*. Rio de Janeiro, 1860-1878.
- *REVISTA SUL AMERICANA: BIBLIOGRAPHIA BRAZILEIRA, SCIENCIAS, LETRAS E ARTES*. Rio de Janeiro, 1888.
- *REVISTA UNIVERSAL BRAZILEIRA: JORNAL DE INSTRUCCAO E RECREIO*. Rio de Janeiro, 1847-1848.
- *A SENTINELA DA INSTRUÇÃO*. Rio de Janeiro, 1875-1876.
- *O SEXO FEMININO*. Rio de Janeiro, 1873-1889.

Optar pela utilização, entre outras, de fontes jornalísticas e, ainda, de fontes literárias, ou seja, história e ficção, implica conciliar domínios distintos, preservando suas especificidades.

A revisão dessas fontes foi realizada com o cuidado de identificar as tensões e complexidades que envolviam as circunstâncias educacionais, principalmente, quando se tratava da “esfera doméstica”. A intenção, ao indagar as fontes, foi a de construir um panorama acerca da educação doméstica, com ênfase em seus agentes, abordando o lugar que ocupavam nas famílias a que serviam, o conhecimento que detinham e que ensinavam, a quem ensinavam e como se dava essa educação na esfera privada.

Dessa forma, o presente trabalho buscou analisar as práticas pedagógicas utilizadas pelos mestres das Casas no Brasil Imperial, revisitando as origens dessa prática, principalmente em Portugal, onde o passado político comum até o século XIX, aproximou as condutas educacionais.

Trata-se, assim, de uma pesquisa histórica, fundamentada pela análise documental, que envolveu desde documentos oficiais à literatura de época,

perpassando relatos de viajantes, cartas, diários, biografias e autobiografias, bem como folhetins, jornais, revistas, iconografia, fotografias e uma breve observação da própria arquitetura presente no cotidiano urbano e rural dos espaços analisados, tomados como fontes de pesquisa.

Acompanhar as pistas oferecidas pelas diversas fontes, buscando entender os princípios, finalidades, pensamentos e espaços ocupados pela educação doméstica instituída como forma reconhecida de educação das crianças e jovens de elite, durante o Império, consistiu, dessa forma, no principal objeto da presente pesquisa.

Assim, à proposta inicial neste estudo, de realização apenas de uma revisão histórico-institucional da educação doméstica, foi acrescido, fundamentalmente, um resgate do cotidiano dessa prática nos seus aspectos éticos, estéticos, políticos e culturais.

“Vasculhando”¹² as fontes descritas, foram extraídos dos textos aspectos que evidenciam as experiências educacionais vividas naquele tempo e o quanto essas experiências são significativas para o entendimento da história da educação no Brasil. Além disso, ao investigar as “tramas” do modelo educacional pautado na educação doméstica, desvelam-se, além das Casas e seus mestres, fatos, valores e políticas, cujas conseqüências ainda se fazem presentes na sociedade atual, ocultas ou explícitas¹³.

¹² Cf. Michel de Certeau. *A invenção do cotidiano*. V. 1. 2ª cd. Petrópolis: Vozes, 1996.

¹³ A título de esclarecimento sobre o texto a seguir, optei, neste trabalho, ao transcrever as **citações** das fontes consultadas, por **conservá-las em sua grafia original a fim de preservar integralmente seu significado**. Dessa forma, **todas as citações, bem como as referências às obras utilizadas nessa pesquisa estão grafadas conforme o texto original consultado**.